

Curtir

Enviar

61 pessoas curtiram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

Tweetar

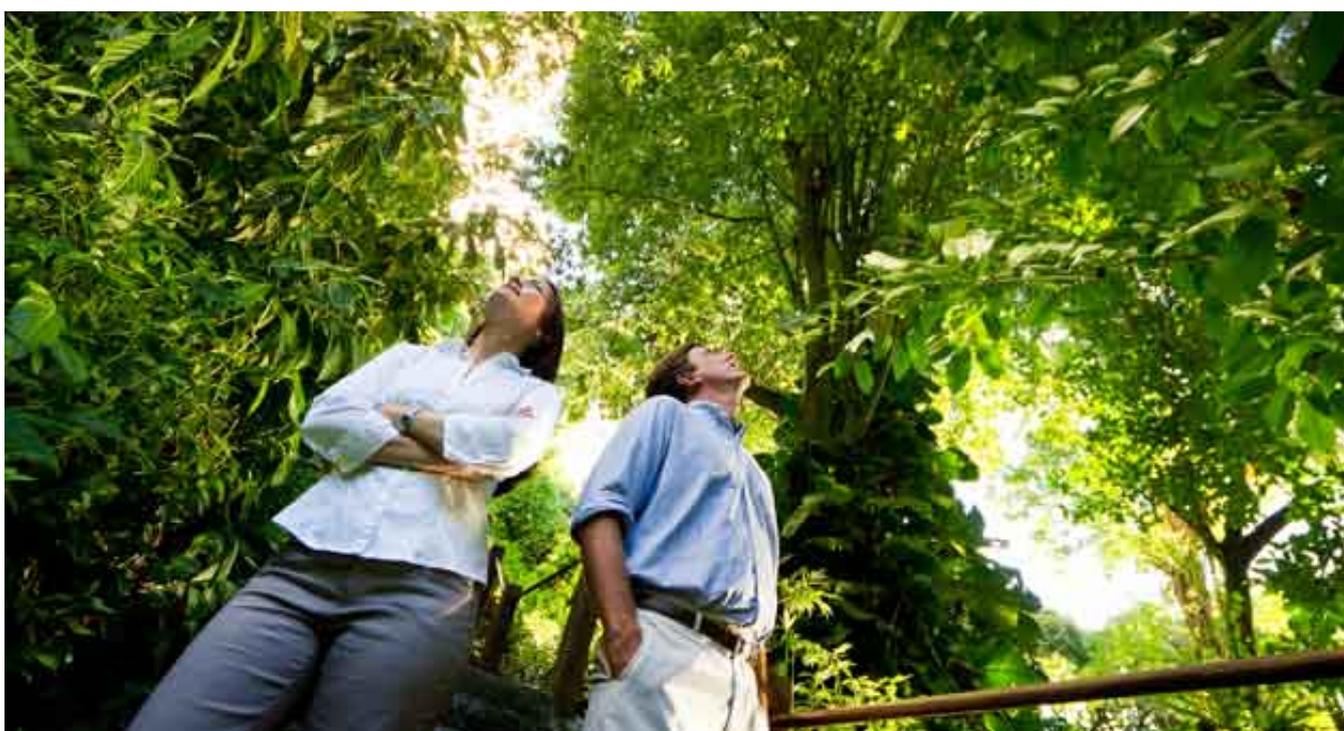
2

02/06/2012

Economia criativa + economia verde

Diante de novos desafios globais, a economia baiana exhibe expoentes que trabalham com soluções criativas e sustentáveis

Por Raíza Tourinho



Renata Everett e Guilherme Valadares da Ambiental PV. Foto: Pedro de Souza

Logo após entrar na universidade, o baiano Guilherme Valadares foi voluntário em um evento que iria mudar a vida dele: a Conferência Mundial das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Clima ou, como foi popularizada, a Eco 92. O Brasil é sede novamente do evento e muita coisa mudou na vida de Valadares, nessas duas décadas. Ele deixou de ser espectador para ser protagonista de um mundo que muda a cada piscar de olhos. Atualmente, é fundador e diretor-executivo da Ambiental PV, empresa sediada em Salvador, considerada em 2011 a melhor consultoria de carbono florestal da América do Sul pela revista britânica World Finance.

Guilherme Valadares faz parte de uma nova realidade econômica global. As empresas do presente – e, principalmente, do futuro – necessitam de muito mais do que uma receita no bolo, como dar sempre razão ao cliente, para sobreviver no mundo corporativo. E boa parte do que você precisa compreender para entender os novos ingredientes pode ser traduzido em economia verde e criativa, tendências que estão dinamizando o conceito de economia e representam novos modelos de gestão

de negócios.

Os dois termos são recentes, mas o expressivo crescimento desses setores demonstra que o cenário não deve ser facilmente revertido. O comércio internacional em bens e serviços culturais cresceu, em média, 5,2% ao ano entre 1994 (US\$ 39 bilhões) e 2002 (US\$ 59 bilhões), segundo estimativas da Unesco. Paralelamente, estudos da Organização Internacional do Trabalho (OIT) apontam para uma participação de 7% desses produtos no PIB mundial, com previsões de crescimento anual em torno de 10% a 20%. Somente o Sebrae pretende investir na Bahia, até 2015, R\$ 17 milhões para fomentar o setor de economia criativa.

Os setores ligados à economia verde, por outro lado, estimam um crescimento ainda maior. Para esverdear a economia global é necessário, de acordo com um relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), o investimento de 2% do PIB mundial por ano, o que corresponde a aproximadamente US\$ 1,3 trilhão, nos patamares atuais. O Brasil já concentra 2,65 milhões de pessoas empregadas nos ramos ligados à área, sendo a meta da OIT a geração de 20 milhões de vagas verdes até 2030. Na Bahia, já passa de dois mil o número de trabalhadores nesta nova tendência.

O coordenador dos Programas de Trabalho Decente e Empregos Verdes da OIT-Brasil, Paulo Sérgio Muçouçah, afirma que a Bahia é um dos estados brasileiros mais avançados na geração de empregos verdes, uma vez que possui uma matriz energética que alinha biodiesel, energia eólica, hidroelétrica e solar. Além disso, segundo ressaltou, o estado possui o maior número de agricultores familiares, o que lhe proporciona “excelente oportunidade para gerar mais empregos verdes”.

E todo esse cenário ocorre justamente na época em que as principais economias do planeta passam por uma forte recessão.

Mas o que são, exatamente, esses dois conceitos?

Esverdear

A sustentabilidade, que já foi considerada apenas moda, ultrapassou as fases em que funcionava como marketing e tornou-se bem mais do que uma boa oportunidade de investimentos, uma necessidade. A economia verde ainda não possui definição consensual, nem diretrizes claras, mas já se tornou suficientemente importante para ser o tema principal da maior conferência ambiental das últimas duas décadas, a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, que reúne representantes de 180 países no Rio de Janeiro.

Foto: Alberto Coutinho/Secom



O protagonismo das corporações é essencial à transição para a economia verde, embora seja este muito mais do que um modelo de gestão corporativo. O conceito, na verdade, vai além ao evocar mudanças estruturais no próprio modelo econômico vigente.

A definição mais largamente utilizada para a economia verde foi cunhada pelo Pnuma, sendo considerada aquela que promove a melhoria do bem-estar humano e da igualdade, e, ao mesmo tempo, reduz significativamente os riscos ambientais. As três características principais das atividades dessa economia são: reduzir a emissão de carbono, ser eficiente no uso de recursos naturais e ser socialmente inclusiva.

Além disso, a escassez das matérias-primas e as mudanças climáticas estão forçando diversos setores a adaptar-se às condições adversas de produção. E as corporações não estão olhando para o lado vazio do copo: o relatório “Adapting for a Green Economy: Companies, Communities, and Climate Change” indica que 86% das empresas consideram que enfrentar o risco climático representa uma oportunidade de negócios.

Eureka

Se a economia verde é considerada o ingrediente principal para reformular a base econômica global, a economia criativa pode ser designada como a “cereja do bolo”. Investir em mentes e soluções em vez de matérias-primas pode ser realmente uma boa ideia – principalmente, se for contar a baixíssima emissão de carbono.



Ney Campello, secretário da Secopa, firma o projeto Territórios Criativos em Salvador. Foto: Divulgação

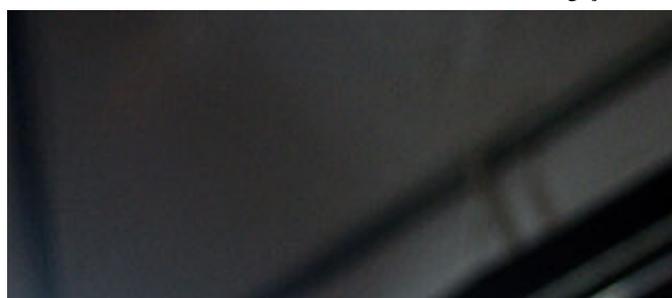
De acordo com o Ministério da Cultura (MinC), os setores criativos são todos aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de valor simbólico, elemento central da formação do preço, e que resulta em produção de riqueza cultural e econômica. “É a gestão da criatividade para a geração de riquezas, abrangendo um conjunto de setores econômicos que só vivem em função de criatividade (das artes às mídias digitais)”, explica Ana Carla Fonseca, especialista internacional em economia criativa.

A economia criativa é, portanto, a economia do intangível, do simbólico. Ela se alimenta dos talentos criativos, que se organizam individual ou coletivamente para produzir bens e serviços criativos. A nova economia possui dinâmica própria e, por isso, desconcerta os modelos econômicos tradicionais, uma vez que seus modelos de negócio ainda se encontram em construção, carecendo de marcos legais e bases conceituais.

Supervisor de economia criativa do Sebrae Bahia, José Élio Souza considera a área “tímida” e afirma que o potencial do setor ainda não é bem explorado no estado. Caracterizada pela produção descentralizada em micro e pequenas empresas, a economia criativa é uma atividade transversal. “(Ou seja,) participa de todas as áreas como usuária e fornecedora de produtos, serviços e conhecimento, o que torna capaz de contribuir em todos os níveis, no fomento da economia em todo o estado”, afirma Souza, explicando a extensão da área. “Do ponto de vista cultural pode se dizer que houve um avanço da Bahia nos últimos seis anos. A consolidação de políticas culturais e a utilização de novas mídias motivaram o setor criativo a empreender.

Foto: Divulgação

Muitas das novas empresas de serviços criativos vêm galgando passos e ocupando espaço no mercado”, conta o músico Vince Athayde, fundador da Maquinário Produções, acredita que a consolidação de políticas culturais e a utilização de novas mídias motivou o setor criativo a empreender. Para ele, muitas das novas empresas



de serviços criativos galgam novos passos e ocupam espaço no mercado. “É preciso modificar a imagem de que a Bahia ainda tem produções mambembes, pouco profissionais. Assim, vamos atrair o interesse dos baianos em permanecer no estado, pelo reconhecimento de que será possível desenvolver um trabalho de qualidade aqui”, diz.

Perspectivas para o novo cenário

Ex-presidente da Petrobras, o secretário de Planejamento do Estado da Bahia (Seplan), José Sérgio Gabrielli, ressalta que as empresas não podem mais ignorar a responsabilidade social corporativa ou as pressões regulatórias. “É impossível uma empresa sobreviver sem ter uma relação adequada com o ambiente em que ela está colocada e sem ter uma deixou de ser apenas um diferencial competitivo para ser condição necessária ao sucesso do negócio”, afirma Érica Rusch, especialista em direito ambiental e presidente do Instituto Sustenta.



Segundo ela, as empresas necessitam adotar práticas responsáveis e sustentáveis, tais como: evitar custos ambientais, minimizar o uso de matérias-primas, utilizar eficientemente a água e a energia. “Ou seja, encontrar soluções viáveis e econômicas que controlem e melhorem o desempenho de uma organização”, explica Érica, acrescentando: “A transição para uma economia verde trará benefícios a longo prazo que compensarão possíveis perdas de curto prazo”.

Cenário

Diante da urgência de medidas que mitiguem as mudanças climáticas, aliadas à criticidade do aumento do consumo energético, o setor que mais se destaca globalmente na economia verde é o de energia renovável. Na Bahia, não é diferente. “A nossa matriz energética é muito suja. Hoje, 10% de nossa energia vem da lenha. É necessário se intervir nessa questão aqui. É diferente da matriz energética brasileira, que tem 46% de fontes renováveis”, afirma o titular da Seplan, José Sérgio Gabrielli.

Foto: Divulgação



Segundo o secretário, há diversas iniciativas no estado para o aumento da eficiência na geração elétrica e no uso dos recursos nos processos agrícolas. No entanto, todas as atenções do governo estão voltadas ao grande potencial eólico do estado. “Regiões importantes do semiárido têm ventos estáveis e relevo adequado para a energia eólica. Vamos ter um crescimento grande, provavelmente, no parque eólico no estado. E não somente na eletricidade. Começa a ser atraída para cá toda a cadeia de fornecimento de equipamentos para a energia eólica”, conta.

Somente em janeiro deste ano, foram licenciados 133 projetos para implantação de complexos de energia eólica no estado.

Atualmente, 57 projetos na área estão previstos



para se instalar na Bahia, somando o montante de R\$ 6,5 bilhões em investimentos. A previsão é que, até setembro de 2012, 18 parques estejam em pleno funcionamento.

Gabrielli também incluiu a economia criativa como um componente forte na atividade econômica do estado. Embora o insumo esteja no campo das

ideias, isso não significa que o setor seja sustentável por natureza.

“A economia criativa pode ou não gerar igualdade social e redução de riscos ambientais - depende de que política obedeça. Ideias podem gerar serviços (que, claro, são intangíveis) ou produtos (que podem ter um passivo ambiental enorme - basta pensar nos celulares, nas trocas das coleções de moda em poucos meses e etc). A economia criativa é mais meio que fim”, enfatiza a economista Ana Carla Fonseca, que também é conselheira especial das Nações Unidas sobre economia criativa.

Visionários. Esse é um dos adjetivos cabíveis aos empreendedores que olharam à frente e começam a investir em uma área ainda incipiente e sem retorno rápido. Tudo com certa dose de paixão. Em comum, eles ainda têm a coragem de seguir por um novo rumo sem se limitar à área de formação original, além do olhar de que a Bahia é muito mais do que a capital. Confira a seguir as histórias de algumas das empresas que escrevem com o seu suor as linhas da reinvenção da economia baiana na matéria ['Exemplos baianos de economia verde + economia criativa'](#).

NORMAS PARA ECONOMIA VERDE

Fonte: Instituto Sustenta

ISO 26000 norma não certificadora voluntária, reconhecida como o instrumento para a economia verde. É uma norma técnica que orienta as empresas de todo o mundo sobre como direcionar seus negócios para a responsabilidade social e a sustentabilidade.

ISO 14001 define o que deve ser feito para estabelecer um Sistema de Gestão Ambiental (SGA) efetivo. A norma é desenvolvida com objetivo de criar o equilíbrio entre a manutenção da rentabilidade e a redução do impacto ambiental, com o comprometimento de toda a organização.

CAMINHOS PARA UMA ECONOMIA VERDE

Fonte: Érica Rusch/Instituto Sustenta

Mudanças na política fiscal • Reforma e redução de subsídios prejudiciais ao meio ambiente •

Emprego de novos instrumentos

de base de mercado • Investimentos públicos para setores-chave “verdes” • Tornar mais verdes os

contratos públicos • Melhoria

das regras, regulamentos ambientais e sua execução

Curtir

Enviar

61 pessoas curtiram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

Tweetar

2